

O Onze de Agosto

Orgão do Centro Academico 11 de Agosto

Anno I

Faculdade de Direito de S. Paulo, 11 de Agosto de 1903

N. 1

COMMISSÃO DE REDACÇÃO:

Pedro Doria—J. B. Monteiro Lobato,
Paulo Galvão Sampaio,
Armando Rodrigues—Lino Moreira

O Onze de Agosto

Todos os dias, em todos os tons, se repete como recordação ainda guardada, tal uma preciosa reliquia, no coração da mocidade estudiosa, a narração dos triumphos que fizeram respeitadas as passadas gerações academicas, dos louros que, collidos a golpe de talento e operosidade, lhes aureolava esplendorosamente a fronte, das glórias e das victorias intellectuales, que lha formavam um rico diadema, em nada incompativel com as alacres e ruidosas manifestações, que, numa espontaneidade admiravel, irrompem da juventude, como um corollario da idade primaveril.

Quantos jovens de então, encanecidos hoje, lançando um olhar retrospectivo para os doces tempos de outrora, em que lhes era dado, entre risos e folguedos, atravessar o largo de S. Francisco, direcção dos extensos corredores de nossa velha Academia, não sentem alancearem-lhe o coração as saudades pungentes daquella era feliz, em que uma vida despreocupada e folgazã, se casava, em extraordinaria harmonia, com as lutas gigantesas que travavam!

Que estos de entusiasmo não irrompiam, numa espontaneidade consoladora, sempre que uma injustiça social ali estava a reclamar uma reparação!

Era a voz do tribuno academico, na praça publica a concitar o povo á revolta contra as instituições sociaes que consagravam injustiça; era a penna inquebravel, incançavel do jornalista academico, cuja envergadura de ferro não era de natureza a ceder a pueris suggestões de medo, ou a transações que não visassem a felicidade do povo, a gloria da patria.

E os moços que assim preparavam aqui suas valorosas armas de combate; que faziam deslizar a penna sobre o papel, ali deixando impressas fulgurantes manifestações de robustos talentos, para daqui a pouco repousarem, ao doce som da musica de beijos, nos estreitos braços da *bella* que os aguardava;—que, após as indignações manifestadas na praça publica em discursos incendiarios, em orações que agiam sobre as gangrenas sociaes como um ferro em brasa, após as verberações sinceras e energicas, após o latego da verdade e da justiça manejado á face dos vis e dos miseraveis exploradores da patria, da familia e da liberdade, após as erupções de indignação de que se sentia cheio seu coração de moços, tinham nos labios um riso sempre bom, tinham nos labios um riso de galhofa, riso são, traduzindo ao vivo a sinceridade de seus sentimentos, a pureza de seu caracter sem jaça;—os moços que assim se preparavam, numa mão todas as armas do combate a que não fugiam, noutra os instrumentos da alegria, do riso do prazer,—esses moços eram aquellos mesmos que, mais tarde, iam mostrar a tenacidade de que eram dotados para as lutas pelos grandiosos ideaes, emprestando o concurso de suas intelligencias e actividades ao serviço do Direito e da Justiça, da reivindicación de todas as liberdades.

Preparados nos são ensinamentos da Justiça que aprendiam em nosso Templo do Direito, seus corações cheios de nobres sentimentos, suas almas desejosas da realisação de Justiça, lá sabiam elles, vida em fóra, cultores do Direito, apóstolos da Justiça, a converter em verdade pratica a sublime verdade theorica que aprendiam nas sabias lições dos seus mestres, a seguir na espinhosa jornada da vida pratica a trilha que de suas angustas cathedras lhes apontavam os devotados mestres.

Na Academia, em estreita communidade de vida, em intima communicabilidade de idéas, em apertadas relações de pensamentos, quanta vez não se adestrava o moço para a vida do homem lutador, quanta vez não se vira terçar o moço a arma valente e audaz, que empunharia amanhã o homem em luta reflectida e fructifera para os destinos da sociedade em que vivia e que lhe era reconhecida!



Homenagem do "Centro Academico 11 de Agosto"

E que intimidade entre os moços estudantes! E que relações estreitas que cultivavam, de modo a fazer de todos um corpo unico, que se gloriava inteiro, que todo se feria, quando o triumpho aureolava a fronte de um de seus membros, ou quando a sorte avara ou iniqua fazia cahir sobre sua cabeça a derrota a lastimar, ou a offensa a repellir!

Causas diversas e complexas vieram, por desgraça, trazer uma solução de continuidade áquelle quadro de feliz convivencia. Taes causas, porém, passageiras e felizmente de todo alheias a qualquer sentimento que pudesse ser indigno do coração puro dos moços, vão a pouco e pouco desaparecendo e dando lugar a que a mocidade academica, sempre a mesma, sempre entusiasta da fé na justiça, sempre cheia de esperança na realisação dos seus nobres ideaes, se erga cheia de entusiasmo e *una voce* entõe, alegre, o hymno do trabalho fecundo.

E' assim que de tempos a esta parte, uma especie de reacção se tem produzido, tem-se levantado uma especie de protesto contra o pretendido entorpecimento das forças vitales de mocidade, contra o pretenso enfraquecimento de sua vida intellectual.

Tentativas parciais de associações, por vezes coroadas de feliz exito, têm surgido; vão reaparecendo os jornaes academicos, onde se vão desenhando os esboços de pennas, em breve amestradas.

E marcando, talvez, o inicio do resurgimento completo do antigo esplendor da vida academica, forma-se agora o *Centro Academico 11 de Agosto*, que, procurando formar verdadeiros combatentes para as lutas em prol dos interesses da sociedade brasileira, busca, ao mesmo tempo, tornar mais amena a vida academica, derruindo por completo as barreiras que parecem existir entre os estudantes dos diversos annos do curso juridico, e fazendo de cada estudante, sem distincção de especie alguma, o seguinte:—um academico.

O *Centro* procura ainda estreitar as relações entre professores e alumnos, de modo a que o estudante, tributando o devido respeito e acatamento ao lente, faça-o pelo culto, ao esforço e trabalho que lhe proporcionaram aquella posição, e não porque entre o lente e o alumno haja effectivamente uma barreira intransponivel.

O *Centro*, a julgar pelo entusiasmo confiante que despertou, vem satisfazer as aspirações da mocidade, a mesma de sempre.

O adeus do academico ao velho edificio da Academia deve ser dado entre lagrimas de saudades: assim foi sempre.

O *Centro Academico 11 de Agosto* pretende tornar a vida academica cheia de taes attractivos, que assim continuará a ser. O academico que se separou de nossa academia, deixou sempre nella uma parte de seus affectos, uma parte de seu coração, e lá fóra continúa a venerar-a.

Encontre o *Centro* em todos os seus socios o auxilio entusiasta de que necessita para a consecução de seus grandiosos fins, e seja *O Onze de Agosto*, seu orgão genuino.

Lentes da Academia

Em vista de ter sido jubilado o distincto cathedrico de direito romano, sr. dr. Frederico Abranches, foi nomeado para substitui-lo o sr. dr. Reynaldo Porchat, cujo talento, amor ao estudo e trato affavel, o têm tornado um dos professores mais respeitados e sympathizados da nossa Faculdade.

Por esse facto, os estudantes de direito fizeram-lhe significativa manifestação de apreço.

Barão de Ramalho

Digna, por certo, dos maiores encomios, é a consagração significativa e sincera que a mocidade academica pretende fazer a quem, além de ter sido excellent pae de familia, um cumpridor de todos os seus deveres de homem publico e particular, soube tambem ser um amante devotado do magisterio, e um idolatra da nossa Academia.

A mocidade academica nada mais faz do que cumprir uma divida de honra, tacitamente contrahida, para com quem foi sempre a encarnação viva das tradições e brios academicos, para com quem dedicou ao magisterio e á nossa Academia, em particular, o melhor de seus affectos, de seu talento e de sua incançavel actividade.

Era tal o seu amor á Academia, que, já nos ultimos dias de sua vida, já não dispozo sinão de poucos alentos, quasi sem forças, a cabeça curva ao peso dos annos, e o corpo já quasi a desfallecer na resistencia tenaz ás destruições da idade, ainda viamolo,—escravo dos affectivos sentimentos de seu bondoso coração, amante daquella casa, que todos veneramos,—preso ao cumprimento de seus deveres, sem reclamar o descanso que lhe exigiam suas veneraveis cãs, e a que lhe davam direito os muitos e inolvidaveis serviços prestados á sociedade, á sua patria e á nossa velha Faculdade.

A mocidade academica, cumprindo assim essa divida de honra, mostra que, não desmentindo jamais o seu passado glorioso, conservando-se fiel depositaria do precioso legado de glórias, que lhe deixaram as passadas gerações academicas, sabe ser digna herdeira desse peculiar intellectual e moral da Academia de São Paulo, cujos porticos nunca brasileiro algum transpõe, sem sentir seu coração cheio de justo orgulho e possuido de inesqueciveis sensações de jubilo e respeito.

Pagando essa divida de honra, o academico de S. Paulo evidencia que elle se orgulha, ainda e sempre, de ser academico, que, se sabe entregar-se aos folguedos e risos proprios da idade, tambem sabe ter a nitida comprehensão de seus deveres civicos, tambem sabe honrar e venerar a memoria de quem foi grande, de quem foi justo, de quem, acima de tudo, poz o cumprimento severo do dever, de quem, com extremado amor, se devotou áquelle templo da sciencia,—respeitado, venerado!

Pagando essa divida, a mocidade desonera-se, para com sua propria consciencia, de uma imperiosa obrigação moral: honrando a memoria do barão de Ramalho, não quer ella simplesmente significar que não se apagou ainda de sua lembrança um simples homem que viveu, mas dá o mais edificante exemplo de amor ao trabalho, de homenagem á honestidade, de veneração ao sacerdotio da Justiça, porque a vida daquella nosso prezado e inesquecivel director bem se póde synthetisar em um apostolado da honestidade, do trabalho, da Justiça.

A actual geração academica póde se ufanar de saber cumprir os seus deveres, póde-se orgulhar de saber tributar justiça ao verdadeiro merito.

O Onze de Agosto, publicando seu retrato, acha-se

possuido dos mesmos sentimentos de respeito ás virtudes que tornavam venerando e venerado aquelle velho, que, como poucos, podia reviver mentalmente todo o seu passado, sem que ali encontrasse nenhum facto que o fizesse ter remorsos.

—Sabemos que a 15 do corrente irão os alumnos da Faculdade de Direito em romaria ao cemiterio, onde depositarão uma riquissima corôa, com o retrato do Barão, fallando nessa occasião o dr. Reynaldo Porchat e um academico.

Na passagem será inaugurada, na casa em que nasceu e passou toda a sua vida o saudoso mestre, uma lapide commemorativa de seu fallecimento, usando, então, da palavra, o exmo. director da Faculdade, dr. João Monteiro.

A lapide tem os seguintes dizeres:

15—8—1903

Commemoração do 1.º anniversario do passamento do Barão de Ramalho

Nascido a 6—1—1810

Homenagem e saudade dos estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo.

O Centro Academico 11 de Agosto, fará, naquella dia, larga distribuição do retrato, em autotypia, do inolvidavel mestre, constando-nos que o *Circulo Juridico Academico* tambem fará uma manifestação externa de sua admiração pelo saudoso morto.

A exma. familia do barão de Ramalho mostrou-se em extremo commovida e agradecida á mocidade, para quem aquelle mestre só tinha palavras de elogio.

Onze de Agosto

As praias não se vêm... Nenhuma fragoa,
Nenhuma catadupa... O tempo avança,
Magestoso Amazonas que desagua,
Que, no Infinito, intermino se lança.

Boiando as gerações, á tona d'agua,
Luctam. E o abysmo rapido as alcança!
Escruta o coração, cheio de magua,
Esta corrente infrene de pujança...

Vê que nem tudo abysma o tempo—Ancora
Muita ilha, sobre a vaga movediça:
Assim, Onze de Agosto, allí, demora.

O tempo não no leva; sempre viça
—Padrão de gloria patria—ilha, que arvora
O pharol luminoso da Justiça!

PAULO G. SAMPAIO.

O Theatro Antoine

André Antoine, o fundador e director do Theatro de seu nome, acaba de despedir-se da plateia fluminense, levando entre muitas flores, homenagens ao seu talento, alguns espinhos, devidos á concepção erronea que elle tem da arte.

O grande actor francez e seus companheiros, porque não podemos esquecer a Després, Grand, Signoret, etc., attingiram a perfeição na maneira de representar. Os actores que quizerem ser perfeitos, escreveu Bilac, terão de ser como é Antoine.

Justissimas, pois, foram as homenagens prestadas á *troupe* que se despediu. Mas o theatro-idea de Antoine é falso porque falsa é a concepção da arte preconizada por seus auctores.

A arte, na bella synthese de Antonio Candido, é a *transfiguração*, na mais luminosa das espheras, das ideias, sentimentos e realidades da vida. Entretanto Zola, Flaubert e outros com a penna; Eduardo Manet com o pincel; Rodin e Carpeaux com o buril, terçaram armas pela arte concebida como *expressão exacta* das ideias, sentimentos e realidades da vida.

Si á sombra das bandeiras plantadas por estes artistas na Literatura, na Pintura e na Escultura, vieram acolher-se alguns discipulos, o Theatro continuava guardado por uma sentinella formidavel, no dizer de Antoine—Sarcey.

Não podendo vencel-a, os adeptos do naturalismo no theatro fundaram muitas associações particulares como o *Cercle Gaulois*, *Les Estourneaux*, etc. Quem, porém, synthetizou a lucta pelo theatro naturalista foi André Antoine.

Este eminente actor, de volta da campanha da Tunisia, organizou um espectáculo realisado na noite de 30 de Março de 1887, seguido de um segundo que teve logar no dia 30 de Maio do mesmo anno. Foi no intervallo destas duas recitas que nasceu o Theatro Livre.

Antoine durante a sua carreira artistica, principalmente nos primeiros tempos, soffreu crises verdadeiramente desanimadoras; basta recordar a representação de *Matapan* de Moreau, em 1888, em que o publico retirou-se no segundo acto, tendo sido o terceiro representado para os empregados.

Com uma tenacidade admiravel, em 1897 André Antoine fundava o Theatro que recebeu o seu nome e do qual é ainda o director.

Representando peças de Henri Becque, de Brieux, de André de Lorde, de François de Curel, de Jules Renard, de Edmond de Goncourt, de Zola, etc., Antoine enthronizou a verdade nas peças para o palco. Mas fel-o com infelicidade porque o theatro-idea não pôde viver unicamente da verdade ou melhor da realidade; elle precisa e muito do idealismo.

Toda a arte, já o disse J. M. Guyau, é um esforço para reproduzir aperfeigoando. Ora, a escola naturalista não admite o idealismo, isto é, o aperfeigoamento do real; ella quer unica e exclusivamente a reproducção da verdade, da realidade.

“A verdade, escreveu um poeta, é amarga como fel; e as abelhas do sonho, do amor, da felicidade, da alegria de viver não podem alimentar-se com esse fel, cujo travor os envenena e mata...”

Em materia de arte o realismo não pôde separar-se do idealismo; é certo, contudo, que o ideal, como diz Amiel, não se deve collocar muito acima do real, que lhe tem a incomparavel superioridade de existir.

“As modestas historias de camponeses, de soldados, de operarios, de marafonas, que aqui nós apresentamos, disse Antoine em sua conferencia no Rio, correspondem todas a um problema social, a uma tara, a um abuso ou a uma iniquidade...”

De facto, as peças do repertorio de Antoine são feitas no molde talhado por Guyau, para quem a arte é social não só por seus fins e effeitos como por sua propria essencia.

Os temas de quasi todas as peças do Theatro Antoine são as podridões e miserias da sociedade, ou visam algum caso pathologico, que deveria antes ser estudado em uma monographia scientifica.

André Antoine prestou um relevante serviço á Arte theatral introduzindo a verdade na maneira de representar; mas, foi infeliz tentando enthronisar a verdade no theatro-idea, pois tornou a Arte pequena, futil, odiosa e insignificante.

J. CARLOS DE MACEDO SOARES.

Centro Academico 11 de Agosto

Temos finalmente na Academia uma sociedade, com um programma vasto e cheio de idéas alevantadas, cuja realisacão tornará deveras attrahente e proveitosissima a vida academica.

Seus estatutos foram elaborados por uma commissão composta dos srs. Pedro Doria, Junqueira Junior e Durval Rocha, para tal fim eleitos em reunião preparatoria bastante concorrida, realisada em Julho, no *Sport Club Internacional*.

As eleições da primeira directoria, commissões de redacção e syndicancia, deu o seguinte resultado:

Presidente: Pedro Doria; Vice-presidente: Marcello Silva; 1.º secretario: Fausto de Camargo; 2.º secretario: Amadeu Gomes; 1.º orador: J. P. Rodrigues Alves; 2.º orador: Pedro Soares; Thesoureiro: Fernando Chaves; Procurador: Eliezer de Toledo.

Commissão de syndicancia: Guilherme Rubião, Pio Prado e Polycarpo Viotti.

Commissão de redacção: O presidente do Centro e os srs. Monteiro Lobato, Paulo Galvão Sampaio, Armando Rodrigues e Lino Moreira, que, pela mesma commissão, foi eleito seu secretario.

O Centro pretende, no mais breve prazo possivel, instalar sua sede social no centro da cidade.

Em sessão solemne, realisa-se hoje a installação do Centro, tendo sido dirigidos convites ás congregações e alumnos das diversas escolas desta capital, ao elemento official do Estado e da Republica, familias, imprensa e associações.

Para esse fim foi feita installação provisoria de illuminação electrica na Academia, sendo encarregada do serviço a *Light and Power*.

Um poeta brasileiro

I

Quando lemos uma poesia brasileira, não a confundimos com outra de além-mar...

Ha, entre a musa nacional e a lusitana, uma differença, ao mesmo tempo, indefinida e intensa.

São na verdade duas lendas irmãs; mas, de genio differentes.

Escreva o brasileiro numa extranha algaravia como Gregorio de Matos, numa linguagem salpicada de brasileirismos como Bernardo Guimarães, ou no mais puro vernaculo como Souza Caldas; module a doce avena ou cante a vida aborigene, as tradições nacionaes—o poeta é sempre o mesmo, é sempre um brasileiro.

Aquelle que abre os olhos sob a constellação do Cruzeiro, que soffre o pujante influxo da natureza tropical, ha de forçosamente patentear a influencia do meio em que vive.

Esta, infelizmente, é bastante mysteriosa; ignoramos, quasi inteiramente as suas leis. Entretanto, sentimol-a tão vigorosa que seria impossivel negal-a.

Ao contrario, para reconhecel-a, não precisamos analysar todos os poetas que floresceram desde o colossal «bocca de inferno» até os modernos paladinos da rima...

Basta ligeiro olhar sobre os nossos cantos populares.

Innumeras quadrinhas, poematos inteiros, o portuguez transportou da metropole para o Brasil colonial.

O mestiço modificou-os profundamente. Os

cantos assim modificados não são portuguezes, mas, genuinamente nacionaes.

II

Relativamente á existencia ou não existencia de uma litteratura brasileira, distincta da portugueza, têm-se escripto as coisas mais interessantes do mundo...

No dizer de certos criticos, á independencia politica do Brasil precedeu a litteraria. A primeira teve o grito de *independencia ou morte* na bocca de Pedro I; a segunda, na bocca de Domingos José Gonçalves de Magalhães. Antes do cantor dos Tamoyos, a litteratura brasileira e a portugueza se confundiam como as aguas de dois rios que «num confluente se reúnem». Magalhães abriu os nossos olhos ás bellezas naturaes do Brasil, ao bello das nossas tradições. O *indianismo*, para os criticos romanticos, representava a nossa independencia litteraria, fonte crystallina da poesia nacional.

O que nesta curiosa theoria havia de erroneo, cedo se descobriu.

O facto de um escriptor descrever os nossos costumes, cantar as nossas tradições, não constituia criterio seguro para incluil-o entre os nossos litteratos. Chateaubriand, porque pintou a natureza americana, deixaria de ser o eminente romancista francez? A França perderia, nas *Orientaes* de V. Hugo, as mais encantadoras paginas do seu lyrismo?

Era evidente o absurdo dessa theoria.

III

A historia do indianismo deve merecer toda a attenção dos *nacionalisadores* de litteratura.

Estudemos o apparecimento do romantismo na patria de Garrett e na patria de Magalhães.

Almeida Garrett em 1825 escrevia no seu poema *Camões*:

«Não consultei a Horacio (para escrever o poema) nem a Aristoteles, mas fui insensivelmente depós o coração e os sentimentos da natureza». No poema *D. Branca*, escripto um anno antes, mas publicado um anno depós do *Camões*, disse definitivamente «adeus ás ficções do paganismo» «professou outra fé», fez ouvir o «alahude romantico» dando «folga ás ancias da alma com as ficções do engenho».

D. J. G. de Magalhães revoltando-se contra o facto de ser a poesia brasileira «uma grega vestida á franceza e á portugueza e climatizada no Brasil», proclamou: «em poesia requer-se mais que tudo invenção, genio e novidade».

Assim, appareceu o romantismo em Portugal e no Brasil.

Mas, em que consiste o romantismo de Garrett?

Inspira-se na poesia popular e tradições portuguezas: são o assumpto dos seus romances e poemas.

E entre nós?

D. J. G. de Magalhães, escrevera «o que dá realce e nomeada a alguns poetas nossos, não é certamente o uso destas ficções (mythologicas), mas sim outro genio de bellezas naturaes, não colhidas nos livros, mas que só a patria brasileira lhes inspirara». E procurando o Brasil «beber suas inspirações poeticas numa fonte que de facto lhe pertencesse», vibrante ainda dos ecos do Ypiranga, surgiu o *indianismo* de Magalhães, Porto Alegre e Gonçalves Dias.

Quando, por conseguinte, a musa portugueza era classica, os poetas brasileiros «muitas vezes em pastores se metamorphosearam e foram apacentar seus rebanhos nas margens do Tejo e cantar á sombra das faias»; a poesia nacional era «uma grega vestida á franceza».

Quando os portuguezes, como outros povos da Europa, procuraram inspirar-se nas tradições patrias, os brasileiros procuraram beber «inspirações poeticas numa fonte que de facto lhes pertencesse».

Apenas a «virgem grega» tornou-se «virgem civilisada» e os rhetoricos descobriram que o Brasil começou a ter uma litteratura sua, original, diversa da lusitana.

IV

A critica, apontando o absurdo do *indianismo* não o derribou.

Este apenas se modificou no «nacionalismo» de um pequeno numero de poetas.

A critica illustrada, baseada em serios estudos, reconheceu que os selvagens de Magalhães mais se assemelhavam ao civilisado europeu do que aos primitivos habitantes do Brasil.

Estabeleceu que o povo brasileiro, resultando do cruzamento do branco, do indio e do africano, o *indianismo* não podia ser a poesia verdadeiramente brasileira.

Mas, a denominada escola nacionalista, que não passa da manifestação mais calma e menos expontanea do nativismo de Magalhães, mereceu romantico applauso duma parte dessa mesma critica. E ella, que justamente proclamara que o cantar a natureza brasileira não constituia a *nacionalidade* da poesia, cahiu em contradicção jul-

gando mais brasileiros os *nacionalistas* porque estes cantam o índio, a mandioca, o negro, o portuguez e a mulata...

Taes são as considerações que julgamos necessario preceder ao estudo do livro de um poeta nacional. Não é um poeta da estatura de Gonçalves Dias ou de Alvares de Azevedo; mas, sem duvida, não merece o esquecimento em que cahiu.

(Continúa)

ARTHUR MOTTA JUNIOR

O jornal do futuro

(Carta a um caricaturista)

Tens razão sobeja, meu amigo, em achar que Eça de Queiroz, naquella seu luminoso *Fradiute Mendez*, exprimiua aquella verdade volumosa quando, a respeito do Jornal, formulando acerbamente a mais bella satyra que era dada a um escriptor escrever sobre instituição tão poderosa, mostrava que a Imprensa tal qual é feita e servida exerce uma influencia pervertedora no amago da sociedade. Com essa mania archi-doida do noticiario; com o espalhafato e sem cerimonia da reportagem que tudo esmiuca e denuncia, desde o grave segredo da alta administração publica, até o comensinho arrufo de namorados, ella desceu das suas regiões sagradas de orientadora do povo, de mestrescola da sociedade, para ser um cartaz onde as scenas diarias de uma rua, de uma localidade ou de um paiz, são narradas com uma minucia de espantar, com um amor do escandalo tão claro, que não escapa ao mais obtuso dos mortaes. Ella não se occupa mais dos assumptos transcendentales que atormentam os Philosophos e os Pensadores; relegou para as paginas austeras das revistas os problemas superiores de Arte e de Sciencia, pois o seu dominio é o da noticia espalhafatosa que tu tanto malsinias. Não sei, porém, si essa loucura pelo noticiario que atacou os leitores dos jornaes se apagará tão cedo e a tua idéa será transformada em realidade. Dizes-me: a caricatura destruirá o noticiario palavroso; o jornal do futuro será o jornal-caricatura.

A caricatura, é verdade, por ser expedita e prompta no desvendar o ridiculo de um personagem; por photographar com minucia e mais verdade uma scena de sangue, concordo em que preencherá satisfactoriamente a nossa feia curiosidade de tudo querer conhecer, mesmo o que é de somenos valor. Depois, nós não dispomos de tempo para lêr os jornaes da primeira á ultima pagina; assim a caricatura que, de um relance d'olhos, nos mostra toda uma successão de coisas, poderá, como queres, substituir a nossa *imprensa-amarella*. Além disso ha muita vantagem em o lapis substituir a penna, e queres tu saber qual é? Evitará que os jornaes se encham de escrevinhadores que nos atormentam dias e mezes com os seus escriptos encharcados de um lyrismo morrinheiro e detestavel, e fará que muita gente retorne ás primeiras letras...

Enquanto, porém, não chega esse reinado de oiro da caricatura, que me prophetisas, esperemos que a imprensa essa "alavanca do progresso", vá preenchendo "as mais instantes aspirações da sociedade moderna", como tu, tão inimigo das chapas, me disseste em momento de cochilo, quando me preleccionavas sobre caricaturas, mostrando-me tanta gente digna do teu lapis cheio de humorismo e da tua ironia abeberada de tristeza...

TIPO BRASIL.

Imprensa academica

Abandonando o *dolce far niente*, que por algum tempo a parecia attrahir, nossa mocidade tem desenvolvido uma extraordinaria actividade para a manutenção da imprensa academica.

Assim publicam-se actualmente em nossa Academia, a *Época*, órgão do *Circulo Juridico*, brilhantemente redigida pelos nossos distinctos collegas Dagoberto Salles, Pedro Odilon e Macedo Soares, e a *Justiça*, cuja redacção está muito bem confiada ás habéis pennas dos intelligentes academicos Mamede Junior, Lopes de Moraes, Euclides Milano e João Alves.

Consta-nos que apparecerá hoje o 1.º numero do *Verbo*, propriedade de um grupo de alumnos do 2.º anno da nossa Faculdade. Auguramos-lhe uma vida longa e prospera, que será garantida pelos talentosos moços que o dirigem.

Commemorativamente

(SONHANDO)

(Ao dr. Sílvio de Almeida)

Em sonho, assistira a uma batalha de flores...

Nuvens de petalas purpuras e brancas, rosadas e lindas esvoaçavam no azul... Uma viração subtil trazia-me, de paragens luminosas, os ethereos rumores do campo adverso... O espirito deliciado pela belleza dessa festa incomparavel sentia-se bem, em frente a um scenario bellissimo de panoramas phantasticos, que eram—num rebrilhar ferico—a epopéa das côres...

Proscenio admiravel...

Um canto muito doce e meigo, muito brando e terno, cujos versos sentimentalissimos o mavioso poeta que os compoz fizera perpassar outr'ora, como o canto do sabiá, por entre as palmeiras de sua terra, derivando naturalmente de uns labios rubros, vinha casar-se, ness'hora de segredo e mysterio, com a triste e poetica serenidade da noite...

Ao som desse hymno seraphico, -que me embalara a alma nas brisas serenas do amor, esquecera-me de todas as preoccupações da vida... Atirara ao olvido tudo que até então me delectara... Detestara as torpes alegrias que fruira... Abjurara as crencas que tivera... Golpeará toda a historia do passado, com a lança adamantina do presente... Dos céos... atirava-me beijos o luar... As estrellas faiscavam como relampagos de crenga... Tudo em de redor cantava o doce enlevo... Entretendo por um instante o olhar no firmamento, quedara do peito uma rosa... Era a crenga que se abalara... Tomando de novo a mimosa florinha, collocara-a no mesmo lugar, onde mãos alabastrinas, até agora, por intermedio da poesia dos olhos, mandam-me conservar-a...

Jamais sentira-me tão embriagado, porque nunca se me apresentara mais linda a Natureza... Os osculos das flores e os seus consorcios no espaço, eram a crysalida da realidade, como que emergindo das corollas vermelhas... As vezes—vinham até mim os aromas das madresilvas formosas... Desappareciam tambem num momento, como se outras brisas partissem, levando-os...

E eu continuava feliz, fazendo dos raios do luar as cordas da minha lyra, contemplando, extatico, a luta ideal...

Não raro retrahiam-se de pavor os combatentes...

Fugiam, como se fossem em busca de novas flores nos jardins da ausencia, novas colheitas fazendo, pressurosamente, por entre as alegres e pungitivas avenidas da saudade... De novo retornavam ao campo da luta... Era o reflexo mais sublime do affecto ardoroso que a imaginação pudera entrever... "O plenilunio de uma Esperança renascente... Cíeios de amor e de doçura perpassavam afluindo no ar, parecendo mais a harmonia de musicas celestes; uma orchestra tão maviosa como nunca ouvira, nem ouvirei jamais, nos tramites da vida...

De momento a momento, novas ondas de flores cruzavam-se no alto... Dir-se-ia uma batalha de ideaes alvinitentes, entre dois corações que se chocavam; tal como o encontro de duas nuvens nas alturas que por sua natureza se repellem, despreendendo-se fagulhas electricas, phosphorescentes e brilhantes...

Os astros da noite, silenciosos e quietos—numa lethargia adoravel, presenceavam, attonitos, o espectáculo sem par...

Alvorecia... Flocos alvos de neve cahiam lenta e levemente, como para não perturbarem a magestade do momento, desfazendo-se em brancas e tenuissimas gottas de amor...

Venus, que durante toda a noite mantivera um fulgôr luxuriante, começava a sumir-se com uma luz mortuica e muito pallida, quando serenara a luta heroica e bella das flores...

Absorto, envolvendo-me num extasi extraordinario, vira aproximarem-se de mim, trazendo a nova radiante de haver terminado, beneplacitamente, o certamen empolgante, os emissarios de uns lindos olhares, que tremularam a bandeira gloriosa de um sorriso—por entre palmas verdes e hymnos de victoria e cantos de alegria—cujas notas festivas, ainda por longo tempo me vibraram na alma, mergulhada num delirio de rosas...

Houvera somente dous campos de luta, ostentando o espectáculo solemne de dous combatentes apenas: eu e ella... Cingira-lhe o rosto... um clarão auroral de triumpho...

Acordara... Era a madrugada dos vinte annos... que assomara no horizonte de minha vida, numa irradiação esplendorosa de luzes e Esperanças!...

S. Paulo, 21 de Julho—03.

CANDIDO J. DE ANDRADE.

Terra Americana!

Voltados para essa atormentada Humanidade, a imagem colorida e forte mais proxima á exactidão litteraria, que nos saltaria dos labios, seria a de um oceano cheio de coleras e raivas e dôres que se sublevam nas iras da tempestade, no bramir violento do tufão e que se levantam de longe em longe espalhando destroços e ruinas...

Como os mares immensos tambem a historia da humanidade tem esses fluxos e refluxos fataes e tremendos; só a demencia impelliria um homem, uma época, a reprimir o impossivel, o inevitavel.

Cada seculo tem um ideal, um roteiro fixo na immensidade do horizonte; o passado tem assombros porque os preconceitos dissipam-se, as accões esvaem-se, rasgam-se as sombras e a Luz da Ver-

dade espanca e desfaz as superstições e os erros e tudo se ostenta luminoso e a consciencia humana resplende em todo o brilho por cima de um povo, de uma raça, de um seculo.

Dizem que a civilização tem marchado sempre do Oriente para o Occidente; e como partiu provavelmente dos confins orientaes da India ou da China ha de por fim volver á mesma China contornando o Globo de leste para oeste e passando, necessaria, fatal, inevitavelmente pela America.

E o nosso maravilhoso Continente não pôde impedir-se de affectar as formas e reflectir as côres intensas do Principio Maximo da actividade humana para o futuro: a Fraternidade.

Sim! Já vão desabando, com o fragor retumbante de um cataclysmo, esses preconceitos deshumanos que fulgem nas bayonetas a caminho largo para a batalha, que fulminam a voz atroadora dos canhões e que se abrigam, sinistros, nas dobras do estandarte do lucto e da morte!

E a America está fadada a este destino formidavel: a ser o cadinho da Época de Paz, de Amor, de suprema harmonia entre os homens, no futuro. Ella será o sol da Democracia affixado no céu da Humanidade, a rutilar, triumphalmente. E a geração presente de combates e fraquezas ha de acompanhar-lhe a peregrinação para o futuro sorridente e largo.

E na Posteridade, confundidos os homens na fecunda communhão da Consciencia e do Direito, tu, Mocidade generosa, edificarás tua grandeza moral commungando a hostia da Fraternidade na missa solemne dos povos livres da America!

LINO MOREIRA.

Clara Della Guardia

Fez sua festa artistica, com a *Zazá*, a intelligente e estudiosa actriz Clara Della Guardia, que tem tido sempre no Brasil a mais honrosa e entusiastica acolhida.

Foram-lhe offercidos varios brindes de subido valor. Uma commissão de academicos offerceu-lhe em scena aberta, uma lindissima e elegante *corbeille* de flores naturaes, fallando por essa occasião nosso companheiro de trabalho, sr. Armando Rodrigues, cujas ultimas palavras foram coroadas com uma estrepitosa e geral salva de palmas.

Daqui enviamos nossos modestos emboras á talentosa artista.

A fuga dos ideaes

Somente um ideal social como o fóco convergente dos ideaes particulares consegue manter cohesiva e harmonicamente um nucleo de vontades voltadas para um mesmo *desideratum*.

Sem um liame como esse, poderosamente energico, torna-se inviavel toda a tentativa de associação e é essa a causa unica da aridez de gremios que todos notam na Academia desde o estabelecimento da republica. Não existe um ideal congnizador, bastante elevado, a ponto de enfeixar as unidades esparsas, captar as sympathias e suffocar as mil difficuldades surgidas pelo attricto incessante das vaidadesinhas humanas. Quando havia escravos, a libertar o estandarte da abolição serviu de elo para um sem numero de agremiações generosas; arenas propicias á expansão retumbante da eloquencia academica e da litteratura flammejante, colérica, inçada de!!! e de reticencias angustiosas.

Logo depois foi desfraldada a bandeira da republica como ideal supremo; formaram-se partidos; dividiram-se os campos; houve grossa polemica; o entusiasmo floresceu com exuberancia e das innumeradas consequencias a mais pittoresca foi essa portentosa eloquencia tribunicia caracterizada pela palavra republica pronunciada com tres erros. Veio o 13 de Maio, veio o 15 de Novembro e esses dois ideaes tão carinhosamente amichados nas fofas plumas de propaganda dileitante sumiram-se em fumaça ante o erguer-se das realizações positivas. A mocidade ficou então completamente desnordeada; perdera o phanal, a estrella guiadora, o nucleo de regenerencia de todas as aspirações; perdera o que a fazia dar mãos e generosamente caminhar e lutar; desappareceram, conseguintemente, os clubs, as associações de toda a especie e o proprio espirito de associação se foi aos poucos amortecendo, afrouxando assim os laços da solidariedade academica. Os vestigios desse espirito que ainda existem flammejam de vez em quando lá para as bandas do "anno feliz", flammejamento ephemero que bruxoleia e desaparece com as illusões do calourato. Inda existem alguns corajosos abencerragens rigidos das tradições do mosteiro que tentam assoprar as cinzas do fogo quasi extincto; mas a esses a academia com voz dolente responde: uma sociedade, um club? *para que?* Retrucam os abencerragens; para apertar os laços da solidariedade, para promover a resurreição dos feitos tradicionaes, para desenvolvermo-nos, aperfeiçoarmos-nos, para... A academia não o deixa concluir, ri-se e murmura um demolidor: ora! Falam outros na regeneração da republica, mas falam baixinho, medrosamente, receiosos da explosão dum outro: ora! esfusiantes e gargalhados. Fóra d'ahi nada resta; fugiram todos os ideaes. A burguezia

quando se digna lançar-nos um olhar—cousa rara, porque, fóra os lentes, os bedeis e o Leoncio, ninguém mais sabe si a academia existe—ri-se complacentemente comparando o silencio actual com o passado barulho e deduzindo d'ahi, por um desses raciocinios prud'hommescamente patuleias dos quaes só ella conhece o segredo, a inferioridade mental da nossa geração. Infelizmente só damos um desmentido formal ás conclusões do Conselheiro nas pavorosas passeatas do dia 11, e, em anniversarios de lentes, nas classicas caçadas ao copo d'agua. E' um desmentido formal, categorico; que o digam os burguezes que enchiam o Polytheama no passado 11 de Agosto, que attem elles a nossa inferioridade si são capazes!

Actualmente só vemos um ideal bastante generoso, bastante amplo para acceolher em seu seio tudo quanto a mocidade tiver de mais superiormente generoso, de mais finamente intellectual, de mais grandiosamente altruista—o socialismo.

A regeneração da humanidade pelo advento definitivo da justiça, pelo imperio da verdade, pela extincção da miseria, pela destruição das classes, pela moralisação da moral, pela reivindicação em fim de todos os direitos postergados, é modernamente a unica cousa capaz de reacender nos corações a chamma vivificante da fé idealista, dessa que abala montanhas e torna possível um gremio de estudantes.

MONTEIRO LOBATO.

Nossa folha

E' possível que em nosso proximo numero comecemos a publicação, em folhetim, de um bem trabalhado romance de costumes nacionaes, obra de operoso escriptor patrio.

Esse romance apenas foi publicado, tambem em folhetim, por um jornal do Rio de Janeiro.

Devemos tambem iniciar, no proximo numero, secções especiaes de *sport*, xadrez, critica illustrada, contos, procurando tornar, a mais amena possível, a leitura da nossa folha.

Não nos faltará boa vontade, nem fugiremos a qualquer esforço possível que nos conduza áquelle fim.

11 de Agosto

Ainda o regente Pedro, metamorphoseado em imperador desta vastidão deserta, se entregava, copiando Luiz XIV, aos prazeres que um monarcha joven e opulento póde gozar.

O moços brasileiros moviam em rudimentares machinismos a canna, e lá na Europa, num esquecimento do seu paiz, uns poucos cursavam as universidades.

Em Coimbra bacharelavam-se patricios ricos (já nesse tempo vingava a mania funesta de ser bacharel).

Liam-se na Côte os autores romanticos e praticava-se o sentimentalismo proprio da época.

Evolava-se das camadas mais altas um perfume exótico de brazões novos, fingindo ouro velho.

Era inicio desta tendencia á imitação, a qual nos comprou a alcunha motejadora com que nos distinguem os estrangeiros.

Estava, pois, consolidado o Brasil.

Os figurinos francezes eram copiados, já se conheciam os gallicismos, liam-se as ultimas produções européas. Estava feito o Brasil, semelhando o meuino que enfia pela primeira vez as incommodas calças compridas.

Mas, a Europa tinha universidades.

Como podia o maior paiz da America do Sul não ter universidades?

Começaram a pensar nisso e os cerebros dos nossos legisladores engendraram logo o projecto da ereação de academias de direito já que as universidades eram mais difficéis, pois falhara o plano grandioso do Visconde de S. Leopoldo.

Martim Francisco, na Camara, apresentou-o, fundando duas academias: uma em provincia do Norte, Pernambuco, por exemplo, outra no Sul, podendo ser em S. Paulo.

Discutiu-se o projecto. As cabeças legislativas, tezas nos collarinhos altos, em cuja superficie alva se enrolavam as pezadas gravatas escuras, por muito tempo curvaram-se em meditações.

As vozes mais sonoras em vibrantes discursos enalteceram e destacaram as vantagens do projecto, e muitas gargantas parlamentares gaguejaram, pela primeira vez, timidamente elevando hosannas á idéa.

Mas um dia, provavelmente um dia brumoso e provocador de máu humor, o Visconde de Cayrú levantou-se em plena sessão para contrariar o afagado projecto.

Assegurou-lhe a viabilidade, porém não achou proveitoso aos moços estudantes sua permanencia em S. Paulo, terra já notavel nesse tempo pelos homens que produzia; dizia isto por que julgava assás feia e assás viciosa a pronuncia que os paulistas imprimiam ao vernaculo, propunha que a segunda Academia fosse em outra cidade.

Espantaram a todos as allegações do sizudo parlamentar. Nunca se vira em bocca tão acertada, palavras tão achadamente infantis.

A seu pezar viu o Visconde de Cayrú a 11 de agosto de 1827 a imperial e fina mão de D. Pedro I assignar o decreto que fundava duas academias de direito: uma em Pernambuco, outra em S. Paulo.

Eis ahi, levemente traçada, sem profundos dados historicos, nem mostras de erudição, a historia do inicio desta nossa velha Faculdade, fecunda mãe espirital.

Desde então a cidade de S. Paulo sentiu penetrar-lhe as sacristias dos templos, o jorro luminoso da alegria dos moços. As mantilhas pretas das beatas embiocadas atravessavam tremulas a praça do convento, e á noite—pobres senhoras!—não dormiam, ouvindo, resignadas, o violão plangente que a bohemia academica dedilhava nas sombrias e feias ruas.

Hoje somos nós os seus successores.

Não ha beatas, as ruas são claras, ha bondes electricos e ha cafés, onde se discute, não Byron, mas politica e onde uma vez ou outra, fugazmente, medrosamente, fala-se de Cyrano, comenta-se Zola.

Todavia uma semelhança existe com o passado, um élo forte, ligando-nos a elle, lembrando-nos a cada instante, a nós que usamos luvas e calçamos sapatos de polimento, os bohemios joviaes embuçados na capa hespanhola—é o Mosteiro archaico, que com suas reformas reluzentes nos dá a idéa dolorosa de um velho que usa arrebiques.

c. n.

A Revisão

Eis a taboa de salvação mais em moda actualmente e que é apontada como a unica possível no revoltado mar das questões politicas. Apesar de ser essa a tendencia dominante da época, muito embora espiritos de escol, quaes os de Ruy Barbosa, Americo Werneck e tantos outros publicistas de valor se tenham pronunciado pela revisão, não podemos deixar de nos collocar ao lado dos que se batem pela conservação da Constituição de 24 de fevereiro, embora se nos acome de ousado. A revisão da nossa carta politica ainda não appareceu como um problema simples e que deva ser encarado por um unico lado; o da necessidade de ser levado a effeito como o tão anhelado meio de expurgar de nossa vida politica o abastardamento que a domina em todas as suas relações. O problema revisionista nem uma só vez surgiu isoladamente. E' thema obrigado da imprensa, do parlamento, das palestras e lembrado sempre como o de mais relevancia, salvador por excellencia, infallível e unico no momento actual. E' bom notar, entretanto, que, de envolta com o problema reformador, apparece sempre, dominando, ferindo desde logo a vista do observador, o problema moral. *O Balanço Politico* que, de tão digno, energico e opportuno, serve hoje de gloria immarcescível para seu illustre auctor, de par com a hybridação do nosso systema politico, pedia, mais do que qualquer remedio, a melhora dos nossos costumes, a pratica honesta da administração publica. Todos os politicos que trabalham pela revisão, chegam immediatamente, quando argumentando em seu favor, quasi por movimento de obsessão de espirito a reconhecer a necessidade primeira da moralisação politica e administrativa.

Está, pois, bem claro que no fundo os revisionistas prégam, antes de mais nada, a revisão do caracter nacional, a volta ás boas praticas, aos bons tempos que, de *ominosos* que foram, estão hoje servindo de constante exemplo nos confrontos sempre vergonhosos para nós republicanos. Quando a bandeira revisionista não é desfraldada pelo despeito dos ambiciosos do poder o é pelo snobismo que empolga e domina absoluto quasi todas as actuaes manifestações intellectuaes. E' o espirito de imitação, é a seducção da novidade, é a commoda e grata posição de repetidor, de papagaio politico e intellectual. Não vale discordar da maioria porque dahí sempre advém dissabores e uma evidencia anathematisadora que ridicularisa, que inutilisa mesmo para todo e qualquer commettimento. Sempre que se ventila a questão de que nos occupamos, resalta, como merecendo grande predilecção, a necessidade de reformar o systema eleitoral. Não só para esse, como para outros assumptos, ha remedio na nossa lei fundamental. A prova disso está na eleição verdadeira realisada ha poucos dias na capital da Republica. Foi bastante que se entregasse a feitura do novo alistamento eleitoral a uma commissão de magistrados para que o resultado do pleito fosse o mais regular possível.

A proposito dos impostos interestaduaes, da verdadeira guerra de tarifas com que os fraterisados estados se mimoseam frequentemente, lá está na Camara Federal, em discussão, o projecto do eminente e operoso deputado Bricio Filho.

Sem que nem de leve nos dominasse a pretensão de fazer um trabalho exhaustivo que não está na medida de nossos conhecimentos, mas, preso unicamente pelo desejo de manifestar nossa humilde opinião, fecharemos o nosso artigo com o auctorisado pensar do impoluto e eminente republicano Lauro Sodré que assim termina o seu brilhante trabalho "*As Industrias Extractivas*."

Muito valerá que não esqueçamos as influencias de ordem moral, que mais hão de pezar para produzir a nossa regeneração completa. Isso é que é, isso é que tem de ser, antes de mais nada, o objecto

principalissimo das nossas preoccupações desta hora. Na furia de fazer dinheiro e de garantir o nosso progresso material, não vamos nós esquecer que mais do que o corpo está ferida a alma nacional, enfraquecido e arruinado o nosso caracter. Esse é o mais grave dos symptomas; e certo não escapará á pericia, com que a diagnose dos nossos males anda sendo feita pelos pathologistas sociaes. A campanha tenaz e diuturna da propaganda republicana, movemol-a, indo até a victoria das nossas ideaes, porque o regimen imperialista era a corrupção e a fraude. Desses vicios, de que viria o Imperio, carecemos nós agora livrar a Republica. A politica não deve ser a arte de corromper; sim a sciencia de moralisar dos povos.

POLYCARPO VIOTTI.

A "Educação,"

E' nos grato recordar hoje o 1.º anniversario da inauguração das conferencias populares promovidas pela *Educação*, utilissima revista publicada sob a habil e criteriosa direcção do incançavel professor sr. Cyridião Buarque, que muitas vezes se tem mostrado entusiasta e amigo da mocidade.

A 1.ª conferencia foi feita pelo sr. dr. Taciano Basilio, então alumno do 5.º anno e redactor academico da *Educação*, cujo director, inexcivelmente gentil, dedicou á mocidade academica o 4.º numero, a 11 de Agosto do anno passado.

Anniversarios na berlinda

A gente faz annos, e ha gente que faz annos, em qualquer dia, e a todas as horas, a proposito de qualquer cousa e até sem proposito.

Annos de todas as formas, cores e densidades.

Conheci um typo... desculpem dizer que o conheci: é praxe, quando se quer pregar alguma formidanda pèta, procurar cohestal-a com qualquer phantasiado conhecimento.

Conheci, pois, um typo, cujos anniversarios ordinarios subiam á respeitavel somma de 5 ou 6 por anno, fóra os extraordinarios.

Entre esses ultimos conta-se o do dia da morte da sogra do dito, que assim teve motivo para ficar contente salvando as apparencias.

Agora, pensarão talvez os leitores que alguma aventura succedeu a esse meu ideado typo: pois não se enganam, que succedeu-lhe servir de exordio ás linhas, com que hei de me vingar das pragas que me rogarem os leitores, caceteando-os bastante.

Na falta, pois, de quem sirva de boi de guia aos anniversarios que estão hoje na berlinda, fica o meu typo elevado a tal categoria.

Pucha e desembucha, pois, meu typo, teu sacco de informações, informações fresquinhas, como as daquelle club dos thesouras—sede social: em frente ao Progredior; assumpto a tratar: cortar casaca e ouvir musica de graça.

Vamos lá, meu typo: ouvi dizer que esteve na berlinda o anniversario do Amadeu Gomes. Porque?

—Não gosto de fallar mal de ninguém, mas quero crer que se trate de algum *perú recheiado*...

—Ah! Perú! e elle acceitou os parabens?

—Mas os pagou caro; pois quando menos pensou, rebentou-lhe em casa um povaréu, e o *cabra* não teve outro remedio sinão *escorruptichar* o jantar.

Pois diga o seu Amadeu que descubra porque está na berlinda o anniversario do Paulino, o da celebre manifestação.

E suma-se, porque minha reportagem dá na berlinda os anniversarios:

—Do Gastão de Sá, porque nunca conseguiu ser inglez, como o Fausto Camargo ainda não se *allemansou*, apesar... dos pezares e da inveja do Eliezer.

—Do Reimão, porque quer virar a sociedade de pernas para o ar, não sei si para indireital-a, ou si para ver si estamos em começo ou fim de mez.

—Do Souza Pinheiro, porque não queria festejar o no palco, na *serata d'onore* da Clara, que, por signal, augmentou a afflicção ao afflicto não lhe estendendo a mão, como fez ao Armando.

As noticias de ultima hora da *Havas* dão tambem na berlinda o anniversario do Viottinho, que se intrigou solemnemente com o facto do Prelidiano não o chamar de doutor, enquanto o Raul, só para machucar, applaudia aquella *heroica resolução*, não sei si do dr. ou do Prelidiano.

Consta que o Salles Junior tambem faz annos logo: não sei si é dos taes da berlinda; mas hei de descobri-lo. Salvo!...

O mesmo boato corre sobre o Tito Livio, que não admite que o Doria, tambem anniversariante segundo consta, o chame de Tito Cardozo.

Por falta de mais espaço não fazem annos hoje diversos outros, entre os quaes o Lino Moreira, que não cabe em si de contente por ter sido eleito secretario da commissão de redacção.

Apezar de furador, não consegui saber porque está na berlinda o anniversario do Plinio Amaral.

Quem descobrir esse *x* terá um doce, si não preferir o titulo de mais *furão* do que o

REPORTER.

Carnet du fin.—Continúa o jogo de prendas, com a sentença da berlinda, até que algem quem cahir no poço.

IDEM.